

## **O amor da terra e o amor das gentes Lagos do séc. XVII e do séc. XX <sup>1</sup>**

Alfredo Tinoco

Para o comum das pessoas a HISTÓRIA LOCAL foi durante muito tempo uma recollecção de memórias e de factos centrada num microcosmos que tomava corpo naquilo a que se chamou a MONOGRAFIA.

A verdade é que para muitos a HISTÓRIA LOCAL continua, ainda hoje, quase exclusivamente associada à produção das MONOGRAFIAS LOCAIS.

A elaboração e a existência dessas obras, que em si mesmas não constituem nenhum mal (e eu, por exemplo, devo confessar que sou um grande consumidor delas - já por necessidade, já também por gosto) mas há que reconhecê-lo que atraíram há umas décadas atrás sobre a História Local o descrédito.

Com efeito, tratava-se na generalidade dos casos, daquilo que o mundo académico veio a designar depreciativamente por micro-história no que diz respeito ao âmbito e ao alcance de tais obras.

Mas, porventura, mais grave ainda do que isso, ocorre em grande parte dessas monografias que elas não revelam qualquer indício do domínio numa perspectiva epistemológica no que respeita à historiografia; nem remetem para o uso das normas mais elementares da metodologia com que se há de reconstituir e escrever a HISTÓRIA dos Homens.

---

<sup>1</sup> No lançamento do livro O amor da terra e o amor das gentes, Lagos do séc. XVII e do séc. XX, de Glória Marreiros

Sabemo-lo também que uma boa parte dos autores de tais monografias andavam muito arredados destas preocupações teóricas: sobrava-lhes, normalmente em boa vontade e em generosidade ou, por vezes, em mera vaidade, aquilo que lhes faltava em formação, em informação ou capacidade de tratar a informação de que dispunham.

Diante de tal panorama não deixa de ser surpreendente e aparentemente contraditório que há alguns anos atrás tenha surgido um "novo" interesse pelos estudos de História Local. E, mais, que esse interesse renovado pela história local tenha sido legitimado e reconhecido pelos meios académicos e, até, assumido pela Universidade.

Aconteceu que estávamos numa época - o pós-guerra, as décadas de 50 e 60 - em que surgiram novos problemas ao historiador. Mas em que aparecem igualmente, por bizarro que isso possa agora parecer-nos, novos documentos, novas fontes. E todos sabemos que sem fontes não se pode fazer a história.

É que a "região", o "local", surgiram então como um espaço privilegiado em todos os domínios: do político ao social e ao económico (lembro apenas o lema lançado pela Escola de Chicago "small is beautiful" para as novas iniciativas económicas - premissa duma relação dialéctica cujo 3º termo, creio que não foi ainda encontrado).

Também para nós a "região", o "local" se revela como um espaço privilegiado de análise da História e como um excelente campo de aplicação de novos modelos metodológicos e teóricos e como um exercício de multidisciplinaridade e de interdisciplinaridade que se constituíram então como norma.

Houve, pois, condições para que a História Local deixasse definitivamente de ser uma micro-história

confinada a um espaço exíguo e desamarrada do espaço exterior; e para que surgisse uma NOVA HISTÓRIA LOCAL que pudesse contribuir decisivamente para esclarecer a história geral e que se deixasse iluminar pelos contributos que a história geral aporta ao que é produto do desenvolvimento local.

Durante muito tempo, falar de História Local foi, portanto, uma questão de âmbito de investigação. Hoje sabemos que mais importante do que o âmbito é sem nenhuma dúvida, o ALCANCE que tal investigação possa ter. Isto é, aquela medida em que a investigação possa constituir uma resposta (mesmo que seja parcial) a interrogações significativas. Uma resposta aos tais novos problemas de que há pouco falávamos que se apresentam hoje aos historiadores e à generalidade da pesquisa em Ciências Sociais.

Quer dizer: hoje já ninguém pergunta (como há umas décadas atrás era pertinente) "Afinal, para que serve a História Local?"

Não, hoje, do que se trata para a História Local é antes de definir aqueles tipos de problemas, aquelas interrogações às quais uma investigação conduzida em escala local permite responder. E não outras. E não já a colecção dos factos e das memórias.

Pois estes novos problemas a que pode responder a História Local, creio que podemos agrupá-las, na esteira de Robert Rowland em duas grandes séries: por um lado as interrogações a respeito dos níveis e dos mecanismos de integração social (económico, político, cultural, religioso); por outro lado, interrogações que exigem o estudo intensivo de documentação de carácter (ou em escala) local.

Um exemplo muito significativo desta segunda série de interrogações diz respeito justamente aos trabalhos desenvolvidos na área da demografia

histórica. Aqui, questões que ultrapassam claramente o alcance local, questões de alcance geral, exigem o esmiuçar quase obsessivo de informação pormenorizada de âmbito local - dos novos documentos de que há pouco também falámos, e que espantosamente só foram recuperados para a História há muito pouco tempo. Refiro-me a fontes como os registos paroquiais, os róis de confessados e documentação conexas, bem como aos arquivos judiciais, notariais, fiscais, etc.

Queria desde já chamar a atenção para o facto da não correspondência entre o âmbito e o alcance da investigação que é aqui patente.

Perdoem-me esta longa excursão retrospectiva pelos áridos terrenos da teoria e do método e da História Local.

Perdoem-me, sobretudo, porque foi tempo roubado à leitura da obra de Glória Marreiros que aqui nos trouxe e que todos estão desejosos de encetar.

É que pode parecer que esta longa introdução nada tem que ver com este *Lagos do Séc. XVII e séc. XX*, como a excessiva modéstia da autora o titula.

Mas tem! Vereis como:

Desde já é preciso dizer que se o âmbito da investigação prosseguida pela autora se centra nos registos paroquiais e civis das freguesias de Lagos, o alcance da obra é muito mais vasto.

Podemos quase seguir através dela o itinerário que percorreu dos anos 50 até hoje a Demografia histórica nos seus "produtos" historiográficos.

Quando há pouco mais de 40 anos Louis Henry publicou o seu "Croulay-Paroisse Normande" baseado na análise dos registos paroquiais, descobrindo com ele um novo continente na historiografia local, logo se

verificou que o trabalho, sobre ser penoso, era árido (e era-o para o investigador tanto quanto para o leitor).

De facto, nesses primeiros tempos os resultados do trabalho limitavam-se ao cálculo dos intervalos genéticos, ou, à determinação de proporções dos agregados familiares, nucleares ou complexos de que ainda nada sabíamos. Tratava-se daquilo que hoje podemos designar por História da Família que, se era novidade no campo historiográfico, era matéria que estava, de facto, imbuída de certa aridez.

Mas foi essa mesma aridez da matéria (e dos processos de trabalho) que serviu de pretexto e de incentivo para a elaboração de projectos mais globalizantes e que chamavam a si o contributo de outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a economia, a linguística.

Contudo, há que reconhecer que foi com este trabalho inicial moroso e árido que a História Local se dignificou, que se afirmou como modo de fazer história e que alargou, mesmo, o campo de análise da história.

Estas mesmas três vertentes temo-las presentes na obra que tenho hoje, mais do que a honra, o prazer, o gosto, de apresentar aqui.

O percurso e os resultados desta nova maneira de fazer história conhece-os a autora, como já sabíamos de outras obras anteriores. E refere-os, nomeadamente, logo no início da obra, a "reconstituição das famílias, o estudo dos comportamentos demográficos... e outros". E é com muitos desses outros, saídos da aridez inicial da matéria, que vai presentear-nos, arrancando-os com o minucioso trabalho de formiga à memória social de sucessivas gerações de lacobrigenses. Com efeito, o simples enunciar do índice do livro dá-nos conta da vastidão de problemas e da variedade de produtos que tem oferecido esta nova maneira de fazer História Local

e que esta obra contempla. Por isso, há pouco dizia que este *Lagos do Séc. XVII e Séc. XX* é bem um catálogo do que tem sido feito nesta área desde o início, desde Louis Henry.

Senão vejamos: a onomástica nas suas diversas vertentes: a antroponímia, os patronímicos, as alcunhas, os apelidos. O mundo socioeconómico que é aqui acompanhado através das profissões referidas nas fontes minuciosamente esmiuçadas, ou o problema da escravatura. Toda uma problemática de carácter social e cultural e de mentalidades que contende com as atitudes perante a vida e a morte, perante a doença, perante a infância: e estão neste caso os capítulos centrados nos expostos, nas pestes e onde se afloram problemas correlatos que dizem respeito aos testamentos e às suas fórmulas, aos legados pios, aos parentescos. E, finalmente, as questões referentes à consanguinidade e à gemeliparidade que não são vulgares em obras desta índole, mas que a argúcia da autora soube arrancar à aridez e à aparente frieza da documentação que estudou.

Deixem-me fazer aqui um parêntesis, e já continuamos, para dizer que semelhante trabalho que não é só de leitura atenta das fontes, nem só de arguta interpretação delas e de aturada elaboração, requer mais do que a sabedoria. Requer o amor, o amor apaixonado da terra e das gentes, que são também, os fios com que se tecem tais obras. A própria autora deixa transparecer isso mesmo quando, logo de início nos adverte de que "detectámos pistas apaixonantes". E é com paixão que vai tecendo pacientemente o livro, sem que nunca essa paixão tolde o rigor científico.

Já vai longe esta apresentação que, de resto, nem a obra nem a autora necessitam. Mas permitam-me sublinhar ainda alguns aspectos relevantes:

Sobre a Onomástica, que até há poucos anos era coutada de linguistas ou de filólogos ou de etnólogos. Conhecemos as linhas gerais que presidiram à nomeação das pessoas. Falta agora que estudos de âmbito local confirmem ou infirmem ou corrijam a opinião generalizada. É por isso que é tão importante esta maneira nova de fazer História.

É por isso que é tão grato poder constatar, graças ao trabalho da Glória Marreiros, que contra a opinião corrente, um apelido sonante não é sinal de supremacia social, nem que a semelhança na designação de duas famílias implique automaticamente um parentesco entre elas. Nem que o número de apelidos que se ostenta signifique uma posição relevante na sociedade.

E bom saber que a origem dos apelidos, sobre ser as mais das vezes obscura, é proveniente de alcunhas (de que aqui temos uma lista extensa e curiosa de vários pontos de vista), de nomes das terras de origem ou de posse, de profissões, de concessões régias - e encontramos aqui os Bandeiras, os Câmaras ou os Corte Real. De simples influências religiosas - e aqui estão apelidos como Luz, Ramos, Anjos, Neves, Espírito Santo, etc.

É grato descobrir as influências históricas por vezes insuspeitadas de certos nomes ou apelidos, como no caso das influências árabes: e aí estão os Benevides ou Benarides e os Viegas.

É bom saber (e descobrir porquê) que a variedade de nomes era muito maior no séc. XVII do que hoje é; ou perceber que o nome que pomos aos nossos filhos varia epocalmente e tem referentes nos regimes políticos ou na influência da Igreja, mas também nos programas de televisão.

Finalmente, aquilo que parecia apenas um mero exercício de análise onomástica por parte da autora, sugere pistas para o estudo de emigrações mais recentes. Com espanto verificará o leitor que em 1985 em 256 registos de nascimento, 20 eram filhos de estrangeiros. Quase 10%, portanto.

Não me quero alargar, nem roubar-vos o prazer da leitura, mas sublinhar apenas que a onomástica que é muito mais do que isso, não podia ser apenas obra de filólogos. E esta nova maneira de fazer história responde a problemas que a filologia não contempla.

E à margem do problema central podemos ainda deter-nos em aspectos parcelares. E possível pela análise dos registos paroquiais, pelas suas falhas, pela sua legibilidade ou ilegibilidade, dar-mo-nos conta dos níveis de cultura e de zelo do clero da época.

Mas o livro que hoje aqui temos dá-nos muito mais. Permite antever a estrutura social e económica da Lagos do passado, através da análise criteriosa das ocupações profissionais. Se nos não admira o peso das profissões ligadas ao mar, que integram "Homens do Mar" ou "Mareantes", mas igualmente os "Pescadores" os "Mandadores" mas também os "Calafates" os "Carpinteiros de construção naval" e, certamente, um "Cordoeiro" que por aqui aparece teria que ver com a aparelhagem dos barcos. Já nos admira mais o peso excessivo do clero e actividades aparentadas; dos militares e o da complexa administração pública e judicial, quando sabemos que no Antigo Regime é preciso acrescentar-lhe ainda as autoridades eclesiásticas que também detinham parcelas do poder civil.

Esta mesma análise da estrutura socio-económica pode ser completada com o que a autora nos revela sobre a escravatura em Lagos. Mas aqui, não



queria tanto sublinhar a análise da frieza dos números, mas antes, a descoberta de uma história dos afectos que a Glória arrancou aos papéis e que são as histórias que geralmente não vêm na História.

Essas mesmas considerações as fazem a autora a propósito das crianças, do seu crescimento e da sua educação. Os problemas da infância, as atitudes perante a educação, a família, a escola, sabemos-lo hoje, mais do que nunca, não são apenas problemas de números.

Quando aqui nos é proposto o problema dos expostos, é facto que nos deparamos com números arrepiantes. Basta consultar o gráfico elaborado a páginas 158 ou verificar as taxas de mortalidade infantil nos primeiros tempos de vida que rondam os 74%!!!, ou constatar que no dealbar do séc. XX, nos 11 primeiros anos, ainda se abandonam na Roda, em Lagos 82 crianças.

Mas, as interrogações, os problemas a que responde a autora respeitam principalmente à natureza deste fenómeno, á estrutura social que então vigorava e à sua conseqüente falta de mobilidade social, aos dramas humanos que subjazem a esta atitude. E, repito-o, esta é que é a problemática da História e da História Local, nomeadamente.

Por outro lado, são patentes neste *Lagos, Séc. XVII e séc. XX* os problemas referentes às atitudes perante a doença e perante a morte que a perícia da autora soube arrancar da frieza dos assentos de óbitos. Cito apenas um exemplo, porque é uma forma de tratamento exemplar da informação. Mais importante do que a soma dos números que nos permite ver a extensão da epidemia (o que já é importante) é perceber a atitude e os comportamentos dos vivos. E vemo-lo na pág. 165 quando se nos explica onde e porquê e como

se enterram os mortos das pestes. Na igreja, como era canónico? ou no campo? Como era espúrio, mas as preocupações sanitárias aconselhavam? Simplesmente cobertos pela fina lage ou convenientemente argamassados para impedir a expansão do mal?

Estes é que são os verdadeiros problemas da História. E não apenas saber se houve peste e quantos morreram dela.

O mesmo se diga dos capítulos referentes à consanguinidade e à gemeliparidade. Se é vulgar esta preocupação nos demógrafos, a verdade é que os historiadores têm andado um pouco arredados dela. Mas a Glória Marreiros não só nos patenteia a informação, aparentemente dissimulada no pó dos papéis, como a liga habilidosamente ao presente e ao futuro, trazendo à colação a ciência genética e as motivações ideológicas que têm estado na base destas questões. Creio que é este, uma vez mais, o verdadeiro sentido da História.

Muito mais poderíamos aduzir sobre este livro mas como já disse não me compete roubar-vos o gosto da leitura dele nem o prazer da descoberta de tantíssimas coisas interessantes da História de Lagos.

Não posso, todavia, deixar de sublinhar dois aspectos que não são de menos importância.

Em primeiro lugar o didactismo da obra. A autora não se limita a fazer uma leitura, e já vimos que extensa e variada, das fontes que utilizou. Mais do que isso: põe-nas ao alcance dos outros, explica como há de proceder quem queira aventurar-se por estes caminhos, da história nova. Continuamente explica de que problemas se tratam e dá exemplos de como enfrentá-los e sugere outras pistas que ela não contemplou desta vez.

Em segundo lugar: permanentemente a autora relaciona o trabalho que está a fazer, cujo âmbito é

Lagos, com as condições políticas e económicas, militares, sociais e culturais, mais gerais. Isto é, com a História Geral, estabelecendo assim, esses dois termos de uma relação dialética, que atrás enunciámos, entre História Local e História Geral, em que ambas se interpenetram e se iluminam. É que a Glória sabe bem que dificilmente, hoje em dia, poderá a História Local ser apenas a História de uma Localidade.

A História Local, é como tivemos oportunidade de ver com esta obra, uma vertente fundamental da História de uma Sociedade. E isto para ambos os termos: a História e a Sociedade.

Com este *Lagos. Séc, XVII e Séc. XX* ficámos mais ricos nós. Ficou enriquecido o património de Lagos. Mas, sobretudo, ficou muito mais rica a historiografia local portuguesa.

Por tudo isto bem-haja a Câmara Municipal de Lagos que editou a obra!

Bem haja a Glória Marreiros!

